

ARTIGO

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: INTERVENIENTES NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL**Edson Monteiro de Almeida¹

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo analisar os elementos presentes na construção do relacionamento entre professores e alunos para, tanto do ponto de vista pessoal, quanto profissional, compreender a força desses intervenientes na constituição da identidade e nas práticas pedagógicas. Através do relato de experiência em sala de aula como aluno e como professor, foi possível coletar os dados empíricos, por meio de entrevista semiestruturada respondida pelo professor, sujeito desse estudo. O embasamento teórico se baseou nos estudos desenvolvidos por Charlot (2000; 2005) e nos estudos de Oliveira (2009) acerca da relação professor – aluno de uma perspectiva cultural. A hipótese referenciada é a de que o engendramento dessa relação traz elementos que configuram a identidade do professor. Os resultados da análise apontam que a valorização da relação entre os sujeitos responsáveis pelo desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem fará com que o professor enxergue a docência como um processo de construção que ajuda a inspirar um tipo de conexão que tem o poder de mudar vidas. Além disso, Cada aluno, assim como cada professor, possui características únicas, como posicionamentos singulares; cabe ao aluno reivindicar suas expectativas e, ao professor, buscar a interpretação de seu contexto de ação.

Palavras-chave: relação professor-aluno, identidade, práticas pedagógicas.

¹ Formado em Tecnologia em Informática, atuando como Professor de cursos Técnicos na área Informática e Analista de Sistema nas áreas de Rede de computadores e infraestrutura. Atualmente cursando Pós-graduação em Docência do Ensino Superior no Instituto Sumaré de Educação Superior (ISES).

INTRODUÇÃO

A identidade do professor é constituída por meio de intervenientes que a configuram por meio de uma série de fatores provenientes da experiência vivida em suas trajetórias de socialização. Esse processo determina um conjunto de representações que o levam a decidir em sua prática cotidiana acerca de encaminhamentos considerados por ele positivos e negativos e que se originam dessa trajetória.

O estudo aqui apresentado buscou recuperar as memórias escolares com recorte para as relações entre professores e alunos para discutir o quanto a construção dessa relação nos tempos de escola pode ter influenciado o modo como o professor lida com seus alunos, uma vez que a relação que construiu com seus professores é significativa para que ele tenha uma perspectiva do que quer reproduzir, bem como do que quer evitar em sua prática profissional.

A relação professor-aluno, bem como qualquer relação, configura-se de maneira singular, onde o modo como cada uma das partes reage a partir de posicionamentos, posturas, percepções e reflexos sociais, podem determinar o sucesso ou o fracasso não só dessa relação, mas do processo de ensino e aprendizagem.

Para a análise dos dados empíricos foram priorizados os estudos de Charlot (2000) que prezam pela defesa de uma pedagogia do sujeito, pelo estudo de sua individualidade, e recomenda considerar sua história e suas singularidades.

Segundo o autor, o fracasso escolar é construído em face de uma escola que não respeita as experiências precedentes de seus alunos, sobretudo àqueles pertencentes às classes populares. Para ele, a escola não considera as experiências vividas por esses alunos e imprime uma cultura escolar homogeneizante que os leva a não encontrar sentido na experiência educativa.

Procedemos, portanto, a análise dessa situação para verificar em que medida essa relação traz intervenientes presentes na identidade do professor analisado e que refletem em seu modo de lidar com os alunos em sua prática profissional.

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Com o objetivo de compreender os elementos presentes na constituição identitária do professor, esse estudo buscou evidenciar indicadores do quanto a relação construída com os

professores em sua trajetória formativa contribuiu para que o sujeito analisado estabelecesse parâmetros possíveis em sua prática docente.

A relação entre professor e aluno é desenvolvida na tensão e na angústia; angústia do professor que precisa encontrar caminhos para que seus alunos obtenham sucesso; e angústia do aluno, que precisa “aprender para passar”.

A nota e o diploma medem o valor da pessoa e prenunciam o futuro do filho. Não basta tirar uma nota boa e obter um bom diploma; é preciso conseguir notas e diplomas superiores aos dos demais alunos para conquistar as melhores vagas no mercado de trabalho e ocupar as posições sociais mais lucrativas e prestigiosas. A escola vira espaço de concorrência. (CHARLOT, 2013, p.45).

Não obstante, a escola mantém um padrão engessado de relação, que não é condizente com o perfil do aluno encontrado hoje nas salas de aula. Na instituição, o aluno é apenas um número, assim como para alguns professores. Mas o aluno de hoje exala personalidade, e não quer ser considerado um número. Ele quer ter a liberdade de se expressar, mostrar suas necessidades e sua personalidade, aos alunos de hoje não cabe um modelo de escola homogeneizado, as diferenças precisam considerar esse novo público.

Esses “novos alunos” encontram dificuldades para atender às exigências da escola no que diz respeito às aprendizagens e à disciplina. Ademais, já se desenvolvem novas fontes de informação e de conhecimento, em especial a televisão, mais atraentes para os alunos do que a escola. (CHARLOT, 2013, p.44-45).

Com o desenvolvimento e o fácil acesso às novas fontes de informação e conhecimento, o professor “perdeu” o papel de ser o total detentor do saber, devendo assumir o papel de mediador de conhecimento, de uma forma que mobilize os alunos:

(...) hoje em dia, o professor já não é um funcionário que deve aplicar regras predefinidas, cuja execução é controlada pela sua hierarquia; é, sim, um profissional que deve resolver os problemas. A injunção passou a ser: “Faça o que quiser, mas resolva aquele problema”. O professor ganhou uma autonomia profissional mais ampla, mas, agora, é responsabilizado pelos resultados, em particular pelo fracasso dos alunos. (CHARLOT, 2013, p.46).

Para Charlot, a condição de fracasso escolar está também ligada à forma que professores e alunos se relacionam. Temos um ambiente que é normalmente pautado na tensão do

estabelecimento pela busca do sucesso. O aluno obter sucesso ou fracasso no ambiente escolar é o que vai “pautar” o futuro desse aluno e o professor é chamado a responder junto com ele, pelos resultados possíveis.

Essa autonomia pede por uma alteração no sistema educacional, bem como alteração da identidade do docente, pois agora esse docente precisa trabalhar tanto de forma global, como de forma local. Ele precisa inserir os alunos no mundo, mas também precisa ligar a escola à comunidade. E só se consegue a ligação da escola com a comunidade através da relação estabelecida com os alunos.

Para resolver os problemas, o professor é convidado a adaptar sua ação ao contexto. A escola e os professores devem elaborar um projeto político-pedagógico levando em conta as características do bairro e dos alunos, mobilizar recursos culturais e financeiros que possibilitem melhorar a eficácia e a qualidade da formação, tecer parcerias, desenvolver projetos com os alunos etc. Essas novas exigências requerem uma cultura profissional que não é a cultura tradicional do universo docente; o professor, que não foi e ainda não é formado para tanto, fica um pouco perdido. (CHARLOT, 2013, p.47)

Mesmo sendo adaptado, o ambiente escolar é incerto. Mesmo havendo um esquema a ser seguido, tanto alunos como professores possuem aberturas no sistema que permitem se expressar e até se revoltar, podendo até chegar a fugir do que é originalmente proposto, pois cada aluno e cada professor são únicos, e saber lidar com a singularidade é uma forma de lidar com a incerteza, e estabelecer uma relação de sucesso.

Porém, nem sempre é isso que acontece, na maioria das vezes em busca de cumprir àquilo que é estabelecido pelo programa adotado pela escola, os professores não consideram essa diversidade proveniente do contexto de inserção dos alunos e atuam segundo uma cultura escolar que cobra procedimentos lineares para a manutenção de suas estruturas. Oliveira (2009) em pesquisa sobre a relação professor – aluno aponta situações cotidianas que ilustram essa postura da escola e dos professores:

Durante as atividades os professores solicitam participação, no entanto, quando os alunos respondem, suas falas não são consideradas, não recebem direcionamentos que os estimulem ao prolongamento dessas ações. Há momentos em que parecem nem ouvir o que os alunos dizem e eles diante dessa postura, desistem e se tornam alheios ao que se passa. Em outras situações pedem que os professores esperem, pois, não terminaram de copiar, solicitam explicações, dizem que não entenderam e ainda assim o professor prossegue; o que indica que o tempo de ensino não é determinado pelo tempo de aprendizagem (OLIVEIRA, 2009, p. 194).

Essa realidade presente nas escolas aponta o modo como essa relação entre professores e alunos se constitui e traduz essa consideração unilateral que tende a prejudicar o sucesso do aluno na escola. E, então, é possível indagar se, o aluno formado a partir desses parâmetros de consideração, se tornará um professor que reproduzira tais posturas ou, pelo contrário, justamente por ter vivido essa experiência optará por outros posicionamentos?

Essas representações de qualquer maneira estão presentes na constituição identitária de quem se torna professor e o estudo aqui apresentado buscou justamente evidenciar essa dinâmica de relação presente na identidade do professor para analisar a influencia desse aspecto na prática pedagógica de quem se torna professor.

Oliveira (2009) afirma que “a experiência social construída na escola e na sala de aula, não favorece uma relação dialógica, interativa e legítima entre professores e alunos” (OLIVEIRA, 2009, p. 201), tal constatação aponta ainda, segundo a autora que, essa relação é perpassada, na maioria dos casos:

(...) por uma cultura escolar que não encontra similaridades na cultura vivida pelos alunos e professores fora da escola, o que leva a supor que, a “condição sociocultural” constitui elemento vital para compreensão dos desencontros tão comuns nessas interações (OLIVEIRA, 2009, p. 204).

Portanto, é possível dizer que o estudo dessas relações pode evidenciar aspectos significativos da identidade do professor, presentes em sua prática pedagógica.

A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: DOS BANCOS ESCOLARES À EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Na condição de aluno sempre me identifiquei com os professores menos sérios, menos formais. Aprender durante suas aulas era muito mais fácil do que aprender do que nas aulas dos professores mais formais. Eles sempre se mostraram mais abertos, mais acessíveis. Eles ganhavam o respeito da sala de livre vontade, e não por demonstração de poder. Recordo-me de um professor de história que tive no colegial. Ele já chegava na classe sorrindo, perguntando como estávamos, se estávamos empolgados para aprender naquele dia. Ele evitava explicar os conteúdos em lousa, porque as aulas eram menos participativas, mas quando era necessário (principalmente quando começaríamos a trabalhar com novos conceitos) ele explicava de forma muito leve, como se estivesse contando um fato de sua vida, e isso tirava o peso do aprendizado. Após a introdução à matéria, ele promovia debates para discutirmos os conceitos aprendidos, e ao final de cada conceito ele promovia competições de pergunta e resposta entre os grupos da classe (esses grupos eram definidos na primeira aula do ano), os grupos com maiores pontuações acabavam por ganhar nota na média final. A única coisa na aula dele que seguia o padrão tradicional era a avaliação bimestral, feita em papel, com perguntas e respostas, valendo 10, porque era determinação da escola. No momento em que me tornei professor, comecei a pensar no tipo que eu gostaria de ser, como eu gostaria de

aprender. Imediatamente me recordei desses professores, e juntei as características que, para mim, foram mais marcantes, e criei minha identidade docente. Na primeira vez que entrei na sala de aula como professor, entrei sabendo que seria julgado pelos alunos; que eles deveriam sair das aulas com aprendizado, mas cada um tendo seu tempo de aprendizado respeitado; que eu deveria cativar os alunos, provocando neles a vontade de todos os dias voltar para a sala de aula. Não por mim, mas pelo conjunto. Os primeiros contatos se deram de forma mais retraída por parte dos alunos, mas à medida que o tempo foi passando, eles foram se soltando e assim formamos um laço de aprendizado, respeito e confiança. Sinto que nos tornamos amigos. Alguns alunos chegaram até a me procurar para conselhos e desabafos nos períodos pós-aula. Os momentos fora de sala eram permeados por conversas, brincadeiras e piadas, mas todos sabiam que no momento em que eu adentrava a sala de aula, eu merecia o devido respeito. Era o professor amigo, mas ali, na frente da lousa, eu estava desempenhando meu trabalho como professor. Nos últimos dias de aula com essa turma, um dos alunos chegou até mim e disse que a sala, no início, achava que eu estava forçando o meu jeito de dar aula; que aquele professor menos formal, em algum momento tiraria a máscara de professor legal e se mostraria um professor completamente oposto, como já haviam encontrado, mas ao perceberem que aquele era meu jeito tanto dentro como fora de sala, eles se sentiram mais confortáveis para se abrir. Essa abertura acabou gerando uma grande mobilização em relação ao aprendizado. Eles encontraram uma motivação para estarem presentes na sala de aula. Lidar com essa turma foi uma tarefa fácil, e senti que a identidade que eu havia criado para mim funcionava aos propósitos determinados, pois o processo de ensinar ficou mais leve. Eles apresentaram suas necessidades, e trabalhamos em cima disso. Findado o meu trimestre com essa turma, eu sentia confiança para trabalhar durante o próximo trimestre com outra turma. Seria meu primeiro contato com eles, então seria necessário estabelecer conexão, criar um laço e estimular a vontade de aprender. Mas, eles se mostraram extremamente fechados no início das aulas, e à medida que o tempo passava, eles se tornavam arredios e desrespeitosos. A princípio, dava minhas aulas da mesma forma que dava à primeira turma, mas minha metodologia ia se alterando ao passo que eles também mudavam. Aquele professor amigo foi dando lugar a um professor amargo, duro. A relação que estabelecemos foi se tornando cada vez mais negativa. Passou a haver má vontade de ambos os lados. Os alunos começaram a faltar cada vez mais, e eu dava aula porque era minha obrigação. No mesmo trimestre em que ministrei aulas à turma que aqui chamarei de arredia, findada a aula com essa turma, em um segundo período eu ministrava aulas para outra turma, que reagia positivamente aos meus estímulos. Nós conseguimos nos conectar, criamos amizade. A relação estabelecida foi muito similar à da primeira turma. Finalizado o trimestre, os alunos da turma arredia pararam de faltar, e a relação estabelecida com a outra turma permaneceu (e permanece até hoje). Durante a faculdade eu tive alguns professores informais que foram recebidos de forma hostil pela classe. Até chegamos a bater de frente com um deles, mas nunca sem perder o respeito. Alguns professores tentaram, ao decorrer do semestre, estabelecer uma conexão com a classe, e a tática usada por um professor foi nos perguntar o que estava acontecendo, o porquê daquela situação. Incrivelmente, a tática funcionou, e alguns alunos chegaram a se conectar com ele após o questionamento; outros professores optaram por se fechar até o final do semestre. Eu optei por me fechar, era a saída mais fácil. É a saída que podemos considerar menos dolorosa. Levantar o motivo de tamanha hostilidade em sala de aula é a solução que todos os professores deveriam utilizar, mas nem todos estão preparados para ouvir as respostas. Eu não estava. E acredito que seja difícil para a maioria das pessoas estar aberto a possíveis críticas, sem contestar e iniciar uma discussão. Depois dessas turmas aqui citadas, eu ministrei aulas para mais algumas turmas, e a maioria reagia bem. Apresentando dados matemáticos, das 8 turmas que ministrei aula durante um período referente a 18 meses, apenas 2 turmas não reagiram bem aos estímulos. De maneira geral, houve um bom desempenho de minha parte, a estratégia de conexão e de informalidade surtiu efeito, mas foi falho com algumas turmas. Quando a essa estratégia falha, nos deparamos, principalmente, com dois elementos desafiadores: tentar identificar o perfil da turma, e desenvolver uma abordagem que funcione com essa turma.

Edson Monteiro

CAUSAS E EFEITOS DA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO NA IDENTIDADE DO PROFESSOR E EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A construção de uma identidade docente pautada no conceito da formalidade ou da informalidade influencia, de maneira direta, o relacionamento entre o professor e o aluno. No momento em que o aluno se depara com um professor de identidade formal, automaticamente se desenvolve um conflito.

Esse conflito acontece porque cada envolvido tem a sua visão, sua lógica do que deve acontecer na sala de aula, de como a aula deveria ocorrer. Ambos sabem que deve haver aprendizado na sala de aula, mas o professor acredita que o aluno tem que aprender para saber, enquanto o aluno acredita que ele deve aprender para passar de ano.

Então, estabelece-se uma relação onde, em grande parte do tempo, o único conhecimento adquirido é aquele que o professor tenta transmitir. Normalmente, o único interesse que o professor demonstra é que os alunos compreendam a matéria e entreguem as tarefas solicitadas. Essa limitação do relacionamento pode ser um dos elementos que levam tanto alunos quanto professores a fracassarem no ambiente escolar, pois é a partir da ausência do relacionamento que são gerados “alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal” (CHARLOT, 2000, p.16).

[...] a experiência escolar do aluno em situação de fracasso traz a marca da diferença e da falta; ele encontra dificuldade em certas situações, ou orientações que lhe são impostas, ele constrói uma imagem desvalorizada de si ou, ao contrário, consegue acalmar esse sentimento narcísico que é o fracasso [...] (CHARLOT, 2000, p.17-18)

Em contrapartida, quando o aluno se depara com um professor de identidade mais informal, ele deixa de enxergar o professor como um mediador rígido, e passa a enxergar uma pessoa igual a ele, mas com um conhecimento técnico maior. E isso ocorre porque o professor também enxerga o aluno como igual, pois ainda que o aluno não possua um vasto conhecimento sobre história, geografia, matemática, o aluno possui conhecimento de vida, aprendido através de suas experiências, aprendido com a família, com a sociedade, e tal conhecimento trazido pelo aluno é tão importante quanto o conhecimento técnico a ser passado.

Não há educação sem simpatia antropológica dos adultos para com os jovens da espécie humana, aquela simpatia espontânea que nos leva a amimar e afagar os “bebezinhos” e demais “fofinhos” que têm a sorte ou o azar de cruzarem os nossos caminhos. (CHARLOT, 2013, p. 56)

Por o professor informal ser mais simpático, facilita a criação de um vínculo social, pois ambos se interessam e se percebem como elementos afins de uma relação. O estabelecimento de vínculos é muito importante, pois o vínculo gera respeito e confiança permite que o professor seja respeitado sem a necessidade de ser arbitrário, o que gera um ambiente menos hostil e, conseqüentemente, anula a possibilidade de ocorrer violência escolar. Estabelecer um vínculo com os alunos demanda entender suas características e necessidades; o contexto onde se encontram compreende os elementos que estarão presentes em sala de aula.

“Eles encontraram uma motivação para estarem presentes na sala de aula. Lidar com essa turma foi uma tarefa fácil, e senti que a identidade que eu havia criado para mim funcionava aos propósitos determinados, pois o processo de ensinar ficou mais leve. Eles apresentaram suas necessidades, e trabalhamos em cima disso” (E.M.).

Eles não iam à aula simplesmente porque o professor é legal, mas sim porque houve a compreensão e o suprimento de suas necessidades, que acarretou na transformação da aula. Deixou de existir uma aula feita pelo professor para eles, e passou a existir uma aula feita com eles para eles. Essa transformação acarreta em satisfação por parte dos alunos, bem como por parte do professor, eliminando qualquer possibilidade de haver fracasso escolar.

[...] a noção de fracasso escolar é utilizada para exprimir tanto a reprovação em uma determinada série quanto a não-aquisição de certos conhecimentos e competências; refere-se tanto aos alunos da primeira série do primeiro grau [...], como aos que fracassam no “bacharelado, ou até no primeiro ciclo superior. (CHARLOT, 2000, PP 13-14).

São nessas situações que vemos como as relações entre professor e aluno são singulares. Enquanto que, com uma turma, o professor se sentia realizado, conectado, sentia prazer em estar na companhia deles e ensinar, com a outra turma houve um sentimento de frustração.

“(...)A princípio, dava minhas aulas da mesma forma que dava à primeira turma, mas minha metodologia ia se alterando ao passo que eles também mudavam. Aquele professor amigo foi dando lugar a um professor amargo, duro. A relação que estabelecemos foi se tornando cada vez mais negativa. Passou a haver má vontade de ambos os lados. Os alunos começaram a faltar cada vez mais, e eu dava aula porque era minha obrigação” (E.M.).

É frustrante para um professor tentar se conectar a uma sala que não se abre, ser desrespeitado e alvo de atitudes desrespeitosas a qualquer momento. Isso gera uma incerteza muito grande, pois é como se estivesse pisando em um campo minado. Qualquer passo errado poderia detonar uma situação ainda mais desagradável. O desenvolvimento de uma abordagem sem a

identificação do perfil do aluno vai funcionar como um método de tentativa e erro, que não é muito vantajoso, pois é um método que demanda tempo, gera incerteza e falta de confiança no professor, além de provocar ainda mais a retração da turma.

“(...) eles se mostraram extremamente fechados no início das aulas, e à medida que o tempo passava, eles se tornavam arredios e desrespeitosos” (E.M.).

Mas, quais teriam sido os possíveis motivos para que essas turmas não tenham optado por estabelecer uma relação positiva? Talvez pela postura, o jeito de dar aula, de ser, ou, se por causa da matéria. Há ainda, a possibilidade de motivos externos ao ambiente institucional. Um deles seria a postura que sua família assume diante de determinadas situações e ambientes e que eles também assumem como suas. Segundo Charlot (2000), não basta saber a posição social dos pais e dos filhos, mas buscar o significado que eles conferem a essa posição, fato que lhes confere uma singularidade ligada a sua história e que vai fazer que cada um se relacione com o mundo de uma determinada forma.

A sala de aula é um espaço onde um sujeito singular (o professor) lida com um grupo de sujeitos singulares (os alunos), e pode ocorrer de o professor ser induzido ao erro de estabelecer um parecer baseando-se na posição social daquele grupo e desconsiderar a individualidade de cada um. Tal fato pode ser resultado de uma formação tradicionalista que não ensina a considerar o aluno, exemplo disso pode ser verificado na forma de fazer a chamada: nome ou número? No momento em que o professor chama os alunos por números, cria uma generalização fomentada por um código de ética velado, de senso comum, que diz que o professor não pode ser amigo do aluno, não pode estabelecer uma relação pessoal com ele, apenas a relação de saber, o que pode levar a uma situação de fracasso.

Os professores mais jovens pensam de forma diferente, por serem de uma geração diferente. Deixa de haver toda uma tecnicidade, pra haver uma relação mais orgânica, pois é assim que essa geração pensa. Os professores mais novos lecionam para uma ou duas gerações depois da deles, o que os torna naturalmente mais próximos dos alunos.

“Na primeira vez que entrei na sala de aula como professor, entrei sabendo que seria julgado pelos alunos; que eles deveriam sair das aulas com aprendizado, mas cada um tendo seu tempo de aprendizado respeitado; que eu deveria cativar os alunos, provocando neles a vontade de todos os dias, voltar para a sala de aula. Não por mim, mas pelo conjunto” (E.M.).

Esse encaminhamento parece facilitar a interação em sala de aula porque o aluno poderá se ver como o professor, que é um elemento facilitador da relação. Com isso, o próprio aluno passa a se valorizar, ver que pode mudar sua perspectiva de vida e promover ações que gerem esforço e mudança.

Essa valorização da relação entre os sujeitos responsáveis pelo desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem fará com que o professor enxergue a docência como um processo de construção que ajuda a inspirar um tipo de conexão que tem o poder de mudar vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece evidente que as causas e efeitos da relação construída entre professores e alunos, estão diretamente relacionados com a configuração de sua identidade docente e, por conseguinte, com suas escolhas e comportamentos na prática pedagógica.

A trajetória escolar do professor analisado torna perceptível o fato de que com todos os professores com os quais se relacionou fizeram escolhas semelhantes às que ele faz agora, inclusive a conduta de lidar com o grupo e esquecer as singularidades individuais.

Parece haver uma indicação de que tudo flui melhor quando ambas as partes se abrem e se conectam, pois, desse modo, aprendem e avançam e sempre haverá uma turma a qual você não agradará, mas mesmo com essa turma, há aprendizado. Pode até não ser aprendizado sobre o outro, mas aprenderemos sobre nós mesmos. Os desafios nos fazem pensar em resoluções diferentes das habituais, gerando experiência e “jogo de cintura” para lidar com os alunos.

Cada aluno, assim como cada professor, possui características únicas, como posicionamentos singulares; cabe ao aluno reivindicar suas expectativas e, ao professor, buscar a interpretação de seu contexto de ação. Pois, se as partes não entram em consenso, estabelece-se uma relação conflituosa que gera prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem (OLIVEIRA, 2009).

Todos nós, professores e alunos, passamos uma grande parte das nossas vidas dentro de uma instituição de ensino, então, se torna necessário o estabelecimento de uma boa relação, pois é principalmente no período escolar onde as principais memórias são formadas, e onde a identidade do sujeito se constitui para sua vida pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*: Elementos de uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000. Tradução: Bruno Magne.

_____. *Da relação com o saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

OLIVEIRA, Lúcia Matias da Silva. *A relação professor – aluno: traços culturais presentes na interação em sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUCSP. 2009.